

Comentarios de Películas / Film Reviews

***Amem* (Amen). Costa-Gavras, Constantin (dir.); Berri, Claude (prod.); Costa-Gavras, Constantin e Grumberg, Jean Claude (guião). França, 2002, 135 min: son., col.**

Por Francisco Carlos Teixeira da Silva
(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brazil)

Amem, o novo filme de Costa-Gavras (França, 2002), impõe desde os seus primeiros minutos uma série de questionamentos fundamentais sobre as relações entre o Vaticano e o Terceiro Reich, em especial a busca de respostas sobre o clamoroso silêncio auto-imposto do Vaticano sobre a sorte de milhões de judeus na Europa ocupada pelos nazistas. De saída, visando evitar erros histórico, poderíamos estabelecer alguns pontos que guardam unanimidade na produção histórica sobre a questão: 1. não devemos de forma alguma confundir a ação, ou inação, do Vaticano com o papel dos cristãos e/ou católicos frente ao Holocausto; 2. o silêncio do Vaticano foi compartilhado por outras confissões religiosas, inclusive a poderosa Igreja Protestante alemã, exceto pelas Testemunhas de Jeová, que pagaram com a vida o ato de resistência ao nazismo; 3. o Vaticano sabia, desde o início da terrível sorte do judeus sobre o Terceiro Reich, preferindo, por razões que discutiremos, manter o silêncio.

Assim, a questão central reside nas razões do silêncio do Vaticano frente ao mais terrível crime da história do século XX, em especial as razões que guiaram esta figura carismática, produto da própria burocracia papal, que foi Eugenio Pacelli, papa Pio XII (1939-1958) em direção a um silêncio tão doloroso. Deixando de lado as questões propriamente religiosas, que marcaram um pontificado intenso e extremamente produtivo, embora contraditório, devemos lembrar que Pio XII era, muito possivelmente, o homem mais bem colocado na hierarquia papal para entender a Alemanha e sua liderança nazista. Fora núncio em Munique e depois em Berlim, conhecendo pessoalmente a alta hierarquia nazista, freqüentando muitas

vezes os mais importantes líderes hitleristas, além de manter um íntimo contato com os católicos alemães, sejam aqueles do Partido do Centro Católico, Sejas os chamados “cristãos nacionais”, aderentes do nazismo. O papa Pacelli foi, ainda, largamente responsável pela Concordata -acordo de cooperação e divisão de tarefas entre a Igreja Católica e o Terceiro Reich-, não tendo, nem tão pouco se permitindo ter, ilusões sobre a verdadeira natureza do nazismo. Contudo, um outro elemento sempre esteve presente nas relações entre o papa Pacelli e o nazismo: a sombra do comunismo. Um homem obsessivamente anticomunista, horrorizado pela Revolução Russa, e, bem mais, chocado pelas reformas radicais no México e na Espanha, nos anos 30, Pacelli via no nazismo uma forma de controle e de dique contra o comunismo. Assim, mesmo os aspectos mais repugnantes do nazismo deveriam ser tolerados frente a um inimigo maior: Stálin, os republicanos e os liberais radicais. Pacelli tolerou e apoiou regimes absolutamente injustificáveis, como o Estado croata criado por Mussolini nas ruínas da Iugoslávia, fechando os olhos para as atrocidades cometidas nos campos de extermínio contra os sérvios (cristãos ortodoxos e muçulmanos), apoiou ainda Monsenhor Tirza, o ditador da Eslováquia, amigo de Hitler e inimigo de Stálin, além das ditaduras de Franco na Espanha e Salazar em Portugal.

Do ponto de vista puramente teológico e filosófico os fascismos (alemão ou italiano, pouco importa) são absolutamente incompatíveis com o cristianismo. A base racial e o culto da violência presente nos fascismos chocam-se inevitavelmente com a solidariedade cristã, fato constantemente lembrado por ideólogos do fascismo, com Julius Evola ou Alfred Rosenberg, que consideravam o cristianismo uma religião montada por mendigos, prostitutas e escravos para dominar uma raça de senhores, como os arianos alemães, levando-os à decadência, como teriam feito com o Império Romano. De acordo com suas origens “judaicas”, o cristianismo seria uma religião

”feminina”, lunar e subterrânea, frente a tradição nórdica de deuses solares, guerreiros e vingadores, como Thor e Odin. Tais diferenças, ao lado do desejo totalitário de Hitler e Mussolini em controlarem o conjunto da sociedade, impedindo uma ação autônoma da Igreja Católica, chegou a gerar uma condenação formal da Igreja, sob o Pontificado de Pio XI, a través da Encíclica *Mit brennender Sorge* (“Com Ardente Temor...”, escrita em alemão e lida nas igrejas de toda a Alemanha). Contudo, Pio XII, o erudito diplomata Pacelli, ao contrário de seu antecessor, acabou por considerar que qualquer condenação ao Holocausto traria maior dor e sofrimento para os católicos da Alemanha e Áustria, sem alterar em nada a sorte dos judeus. Talvez isso pudesse mesmo ter acontecido, como foi o endurecimento dos nazistas na Holanda, quando o episcopado local defendeu os judeus. De qualquer forma, quando o Vaticano e sua hierarquia condenaram a eutanásia em massa praticada pelos nazistas contra velhos, deficientes e doentes mentais, o regime nazista recuou, cessando suas atividades homicidas. Neste caso, porém, as vítimas eram cristãos e não judeus... Para sempre ficará uma sombra da dúvida: Pio XII, o papa Pacelli, teria agido bem mais como um astuto chefe de Estado do que como um pastor de almas?¹

NOTAS

¹ Para saber mais: vid. Johnson, Paul. *O Livro de Ouro dos Papas*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003. Cornwell, John. *O Papa de Hitler*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.